

Nome:
NUSP:

Mísseis hipersônicos e arsenais acendem alerta sobre nova corrida armamentista

Testes recentes de armamento pesado por países como China, Rússia e Coreia do Norte suscitam discussões

Em março, o Reino Unido surpreendeu a comunidade internacional com um anúncio: após afirmar que a Rússia era a principal ameaça à sua segurança, o governo do primeiro-ministro Boris Johnson disse que vai aumentar o arsenal de armas nucleares para chegar a 260 ogivas, das 225 que ele tem agora, e bem acima do limite de 180 que ele se impôs. A decisão reverte uma tendência entre os principais países com armas nucleares, entre os Estados Unidos e a Rússia, de reduzir seus arsenais atômicos ao mínimo estratégico possível desde o fim da Guerra Fria. E põe em tensão o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), que prevê o desarmamento em seu artigo VI e do qual Londres, como quase toda a comunidade internacional, é signatária. No caso do Reino Unido, houve muito progresso na redução de arsenais desde o pico de 500 ogivas em tempos da Guerra Fria, e este é o primeiro anúncio de aumento desde então, segundo a ONG de desarmamento nuclear Threat Initiative. No início de novembro, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos alertou sobre o crescimento do arsenal nuclear da China, que pode chegar a 1.000 ogivas até o final desta década. Também houve relatos da construção de novas bases de silos de mísseis em seus desertos ocidentais.

A China tem atualmente cerca de 290 ogivas, de modo que o aumento estimado pelo Pentágono até o final da década de 2020 aproximaria seu arsenal dos dos Estados Unidos e da Rússia, que têm 1.750 e 1.570 ogivas respectivamente, segundo o Stockholm International Peace Research Institute, uma organização de desarmamento com sede na Suécia.

Embora no caso desses dois países, sejam apenas ogivas implantadas e prontas para uso. Se você contar as ogivas armazenadas, muitas delas em processo de desmontagem, os arsenais chegam a 5.800 e 6.375, respectivamente. Os Estados Unidos e a Rússia ainda não deram sinais de buscar aumentar seus arsenais nucleares, mas durante o governo de Donald Trump o principal tratado entre as duas potências – o Novo START, assinado em 2010 – esteve à beira do colapso após a Casa Branca criticar.

Em fevereiro, após a posse de Joe Biden, os Estados Unidos e a Rússia finalmente prorrogaram o Novo START, que, entre outras questões, estabelece limites para o número de ogivas posicionadas (1.550, junto com 700 meios de lançamento) e mecanismos para verificá-lo. Vai continuar, em princípio, até fevereiro de 2026. O novo START é o último tratado de controle de armas entre os Estados Unidos e a Rússia, depois que Trump ordenou a retirada do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF) em 2019, e o então

